



**Sangrias**



Antonella Barone e Beatriz de Barros (orgs.)

## **Sangrias**

**Pedregulho Editora**

Copyright © 2019, Antonella Barone e Beatriz de Barros

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito das organizadoras ou da editora.

Produção editorial, projeto gráfico, preparação,

edição eletrônica **MARÍLIA CARREIRO**

Ilustração de capa **VALERIA CARBAJAL**

Revisão **BEATRIZ DE BARROS** e **ANTONELLA BARONE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348)

---

S226 Sangrias / Antonella Barone, Beatriz de Barros (org.).  
– Vitória: Pedregulho, 2019.  
214 p. ; 15x21cm.

ISBN 978-85-67678-40-5

1. Literatura brasileira. 2. Literatura argentina.  
I. Barone, Antonella. II. Barros, Beatriz de.

CDU 82(81)(82)

---

Índice para catálogo sistemático: 1. Literatura 82 | 2. Brasil (81) | 3. Argentina (82)

Os textos em escrito em Língua Portuguesa deste livro seguem as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

"(...) reconocemos que el aborto no es una experiencia que solo atañe a las mujeres. La capacidad de gestar y por ende de abortar también involucra a otras corporalidades y formas de vivir el género."

Ruth Zurbriggen, Nayla Vacarezza,  
Graciela Alonso, Belén Grosso, María Trpin.

*El aborto con medicamentos en el segundo trimestre de embarazo.*

Una investigación socorrista feminista. 2018.



# Apresentação?

Escrebimos varios cuerpos, en varias lenguas, diferentes idiomas, misturas, mezclas que se hacen sentir en la producción de Sangrías. Por eso decimos “apresentación”, y aún no sabemos decir (tal vez ni haga falta) si conseguimos “apresentar” este proyecto, porque sentimos que nos transborda. Nos transborda como organizadoras y como autoras, no cabe em nós, nem precisa caber. Não sem dores, así se apresenta um projeto que nomeamos Sangrías: escritas sobre aborto que foram gestadas e paridas junto com muites outras.

Sangrías no es un libro. Sangrías es un vehículo, un medio, una forma de poner a circular otras sensibilidades en relación a la práctica abortiva. Es así que te invitamos a dejarte permear por histórias y estórias que vibran en este texto que tenés ahora em mãos y que nos permiten uma abertura a formas otras de experimentar, sentir y pensar el aborto.

Talvez, e felizmente, questionarão: “é muito fácil que duas mulheres brancas, de classe média possam pensar num projeto como esse, tendo a possibilidade de fazer uma pós numa universidade federal”. Cientes de ser privilegiadas neste processo, estudando numa instituição de supremacia branca-eurocêntrica, num espaço cercado com grades e cadeados, onde dá para sentir um “dentro” e um “fora” nesta academia que se diz pública, mas é cheia de práticas “privadas”, fazemos o exercício de re-pensar o tempo inteiro: o que a gente faz com esse privilégio?

A nosso ver, co-criamos. Sangrias é uma proposta de aliança. Nos sumamos a los esfuerzos de las luchas que nos anteceden. Nos colocamos “na pista”, ejercitamos una escucha activa y sensible que nos torna permeables para las críticas y creemos poder así, questionar juntas las estructuras de funcionamiento blancas y coloniales. Nos

colocamos en ejercicio de cuestionamientos de nuestras propias prácticas como una responsabilidad que se torna colectiva, confiando, de esa forma, que nuestras fuerzas pueden sumarse, de alguna manera, a las que, históricamente, sangraron en luchas y resistencias para que estudiar e abortar, por exemplo, deixem de ser privilégios.

Desde a concepção, passando pelo financiamento e pela publicação, não estivemos nunca sozinhas. Gestamos coletivamente, parimos irmanades y abortamos en manada. Nestas escritas, comparecen diferentes vozes que, en devires aborteiros, crean juntas un texto polifônico, donde se misturan poesias, contos, pinturas e desenhos que nos abren la posibilidad de crear formas otras de escucha de las narrativas sobre aborto.

Sangrias coloca-nos na tarefa de descobrir as práticas coloniais, a possibilidade de reconhecer os privilegios e trabalhar para des-andaros. Não desconhecemos que nesta estrutura, temos a labor de partir desde uma crítica de cómo colocamos em pauta o aborto e como se dá o processo de interpretação do que tem sido produzido desde o pensamento dominante. É por isso que estamos atentas para não cair em atualizadas armadilhas que tentam, de alguma maneira, abordar a prática desde um único olhar.

Sangrias é uma proposta que pretende criar espaços de encontros que possibilitem a polifonía própria das pluralidades de experiências em relação ao aborto. Sangrías se gesta en un hartazgo, demasiado e atual. Sangramos hartas, fartas de hipocrisia, de tudo o que têm nos ensinado. De tudo o que, numa história única, fizeram nos acreditar. Fartas de viver numa jerarquia de vidas que valem mais e vidas que são mortas e ou deixadas à morte. Fartas de cada comentário, cada brecha criada pelas marcas coloniais. Fartas da produção de morte com a produção de criminalidade. Fartas destas estruturas donde la sangre que se derrama nos recuerda de las vidas que valen menos en este mundo desigual.



Sangrías faz uma proposta de um grito plural, donde es posible rescatar algunas narrativas ensangrentadas que encuentran en las pinturas, en las poesías, en las fotografías, en los cuentos, un otro modo de expresarse. Nos importamos. Unimos nuestra voz a las que, incansavel e inconformadamente, reivindicán, de forma colectiva, um mundo mais vivível. Essa estética encuentra alianzas con la política, sea en los modos de colectivizar los afectos de las experiencias por medio de la creación, sea en los encuentros potentes que posibilitam un ejercicio de escucha de las narrativas, cada uma com sua história de resistências e/ou de sobrevivências.

Sangrías se propone como multiplicador de debates sobre aborto no solo en Espirito Santo, sino en diálogos no contexto latino-americano. Como organizadoras, nos propusimos en este proceso, coser redes para sumarnos en la disputa de narrativas en relación al aborto, donde aún prima la hipocresía a la hora de abordar la temática. El texto que tenés en manos versa en español y portugués porque reúne autores y autoras de Argentina, Brasil, Venezuela, Honduras. Cuenta historias que se conectan con otras historias que versan multiplicidades y llaman nuestra atención para escuchar las singularidades en relación a las prácticas abortivas, acolher las diferencias, implicarnos y conectarnos con ellas.

En Sangrías, mujeres trans y hombres cis dialogan con mujeres cis en un grito polifónico que se dispone a la disputa de los sentidos del aborto en nuestra sociedad. Es así que abrimos la posibilidad de afirmar juntas que, no necesariamente los abortos realizados de forma clandestina son inseguros. Es la producción de criminalidad, sobretudo en relación a los cuerpos racializados y empobrecidos, lo que torna el aborto, una práctica insegura. Es la producción de criminalidad lo que dificulta el acceso a la práctica en condiciones de cuidado y seguridad. Insistimos: es la producción de criminalidad lo que produce ecenários de muerte. Y nuestras vidas importan! Por eso sangramos multitud en medio de silencios que ensurdecen y gritos plurales de inconformidad.

Sangrías es solamente un humilde vehículo para que mais vida seja produzida en relación al aborto. Es así que este proyecto no termina con la escrita y la publicación, sino que continúa generando oportunidades de trocas y encuentros potentes, cosiendo redes para perpetuar las conversas e para que mais vidas sejam vistas, vividas e ouvidas.

Antonella Barone e Beatriz de Barros Souza  
Vitória, 2019

# Sumário

Apresentação | 7

*Sangrias: pacto de sangue*, de Emanuelle Aduni Goes | 15

*Poesía y aborto: brevísimas notas*, de Cristina Gutiérrez Leal | 16

*sangue que singra*, de Maria Amélia Dalvi

*Ficções, fabulações e memórias de corpos que, sangrando juntos, dizem: “ninguém solta a mão de ninguém”*, de Alexandro Rodrigues & Ileana Wenzel | 22

*El palpitar de los abortos*, de Ruth Zurbriggen | 37

*Legalização do aborto com enfrentamento ao racismo: as mulheres negras querem justiça reprodutiva*, de Emanuelle Aduni Goes | 39

*O Sangrar das Mulheres*, de Paula Rita Bacellar Gonzaga | 51

*La desobediencia como recuperación de nuestro cuerpo*, de Carmen Hernández | 55

*E eu, que não posso parir, entendo seu direito de não fazê-lo*, de Alessandra Pin Ferraz | 58

*meu avô pegando banana do cacho*, de Cibele Bitencourt Silva & Débora Laís Silva de Oliveira | 62

*La marea*, de Lilian Alicia Ortiz | 64

*Imperativo da vontade*, de Ana Sophia Brioschi Santos | 67

*Da passividade à crítica*, de Nathália Cravo Soares Martins | 68

*Reza*, de Tamyres Batista Costa | 70

*Gritaram-nos bruxas, santas, mães, loucas, aborteiras... Nós gritamos livres!*, de Aline Gomes Tavares Matias | 73

*Ladainha das Finadas do aborto*, de Finadas do aborto | 81

*Somos todas clandestinas: a realidade do aborto no Brasil e a vida das mulheres*, de Janine Oliveira | 88

*O útero tomado de assalto*, de Emmanuel Theumer | 93

- Essa trama que é o aborto. Desenredando sentidos e tecendo lutas*, de Leticia Alves Maione | **97**
- Palavras na justiça*, de Lisandra Moreira | **101**
- Deseo ventana*, de Florencia Sueldo | **104**
- “Cadê? Me dá os comprimidos que eu vou tomar”*: a história de Nega, de Nathália Diórgenes | **105**
- Mais amor*, de Vander Costa | **110**
- Processo e Estado democrático de Direito: a importância da judicialização na efetivação da dignidade sexual e reprodutiva feminina*, de Thays Conceição Cabidelli da Silva | **112**
- Papaya sem açúcar*, de Beatriz Souza | **116**
- Eso que cuelga de las mochilas*, de Gianella Barone & Bianca Gargiulo | **117**
- Ideias e desavenças em famílias cristãs sobre o aborto*, de Brunela Vieira de Vincenzi | **123**
- Um espelho de duas faces: entre ser ou não ser mãe*, de Janaína Silva | **125**
- Cueca que sa(n)gra*, de María Antonella Barone Guzmán | **153**
- A verdadeira anomalia: o aborto enquanto crime no Brasil*, de Mirela Marin Morgante | **155**
- Semente da Discórdia*, de Ângela Vieira | **159**
- Historias reales: Aborto legal, es justicia social*, de Maria Andrea Quiroga | **160**
- Corte de Navalha Cega no Homenzinho: a posse estatal-médica do corpo da mulher e a possibilidade de multiplicar outros modos de vida*, de Fernando Yonezawa | **162**
- Ser mulher no Brasil nunca foi tarefa amena*, de Jessica Bragio | **173**
- Traço em mim aquele primeiro toque*, de Sarah Vervloet | **176**
- o que há dentro de mim não é um você*, de Cibely Zenari | **178**
- No está mal ser mi dueña otra vez*, de Nair Allende | **182**
- Uma vida em risco: a violência do Estado e o impedimento legal do aborto em caso de má formação fetal*, de Marcelle Souza | **186**
- a natureza mãe rainha de todos os ventres, vermes e contradições*, de Marília Carreiro | **189**

*Sem título*, de Wayne Ribeiro | **190**

*A Semente*, de Débora Laís DL | **194**

*Nossos corpos não são*, de Sandra Muñoz | **196**

*Parimos y abortamos*, de Florencia Sueldo | **198**

Pessoas autoras | **201**

# O útero tomado de assalto

*Emmanuel Theumer*

O direito ao aborto admite um terreno hegemônico dominado por certas formas legais que já não são mais as mesmas pelas quais as feministas combateram e rearticularam durante os anos 1960 e 70. Agora, um conjunto de discursos tecnocientíficos ganhou terreno quando se trata de interceptar a liberdade reprodutiva. A tentativa de passagem de um regime de criminalização parcial do aborto para um misto que envolve prazos e causas ocorre em um diagrama cognitivo que torna o corpo uma individualidade e, ao mesmo tempo, produz ficções face às quais uma pessoa grávida pode perder esse estatuto para desdobrar-se em duas entidades incomensuráveis, a “grávida” e o zigoto, ou na qual um embrião crioconservado não adquire o estatuto de pessoa até tocar a parede uterina. Versões substantivas de vida, morte, humanidade dançam em espiral em nossa atual conjuntura. Enquanto isso, uma fracassada promoção moral e penal da maternidade forçada sujeita todas as pessoas com capacidade gestante, cis e transgênera, a um estado de insegurança jurídica.

Lendo Bruno Latour a partir de Silvia Federici, Bárbara Duden a partir de Emma Chirix e Paola Bergallo a partir de Donna Haraway, poderíamos afirmar que nosso debate atual tem lugar em uma transformação sedimentada da experiência da gravidez, o sucessivo avanço do controle tecnológico sobre o corpo.

Há cerca de cinquenta anos, a cultura visual tecnocientífica produziu uma nova imagem para a “História do Homem”: a visualização endoscópica do feto. Tal éfrasis foi acompanhada pelo desenvolvimento de tecnologias de ultrassom e de detecção precoce da

gravidez apresentadas em termos de avanços ou progressos científicos. Antes do século XX, a experiência da gravidez era uma possibilidade entre outras; portar um “fruto” ou encontrar-se “grávida” era produto de um conhecimento do corpo distante de desdobramento jurídico-biomédico do corpo. Um desdobramento no qual intervêm testes hormonais de urina, imagens tridimensionais, detecção do “sexo” ou “anomalias congênicas” do feto e o bem jurídico da vida desde a concepção. Essa transformação foi possível graças a um processo não acabado de purificação de saberes reprodutivos – transmitidos in extenso pela tradição oral das mulheres – em benefício da construção da ciência como autoridade enunciativa e de uma “saúde nacional” em mãos do Estado moderno. Nesses termos, a persistência de parteiras em comunidades rurais e indígenas deveria ser considerada um importante signo de resistência histórico-cultural.

As lutas pela legalização do aborto – lutas que, a partir de uma história sexopolítica do corpo poderíamos qualificar como a tomada do útero de assalto<sup>11</sup> – se ramificam amplamente pela transmissão de saberes reprodutivos entre camponeses e indígenas, mas também pela reapropriação farmacopolítica do misoprostol para abortar, pelos grupos de partos autogestionários, pelo desenvolvimento de tecnologias comunicativas contraconvencionais que garantem a manifestação da vontade de decidir, pelo acesso a um cuidado de saúde trans-específico... Disputas que devem lidar com a elaboração de uma ética referida aos usos das tecnologias para a detecção da gravidez, a atribuição do sexo e as anomalias congênicas.

11 Enquanto de raízes, mitológicas, titânicas, parafraseando aqui a conhecida frase de Marx “o céu tomado de assalto”, com a qual Karl Marx descreveu os levantamentos da comuna de Paris. Marx alude a interrupção da ordem celestial- capitalista por um movimento insurrecional e de auto-gestão. Embrulhado nas políticas de assistência reprodutivas apresentadas como naturais as tomas do útero pela assalto é um modo de compreender a disputa pela autodeterminação corporal frente a soberania do Estado. Considerando o lugar da reprodução da mano de obra dentro da reprodução social do capitalismo. Federici chamou “revolução ponto zero” ao processo da disputa pelo controle da reprodução.

Os restauradores da ordem heteropatriarcal insistem em um “estado natural” ameaçado frente ao direito ao aborto. Não é a primeira vez que o discurso da diferença sexual, enquanto verdade construída como “fato biológico”, foi utilizado contra as mulheres ou para desativar a agência feminista e transgênera. O historiador Thomas Laqueur demonstrou isso no contexto das primeiras revoltas das cidadãs francesas e inglesas dos séculos XVIII e XIX. A construção de um estado natural de dois sexos opostos e incomensuráveis (cujos pais geradores vão de Caspar Bartholin a Jean-Martin Charcot, passando por Carl Linneu) serviu de fundamento epistemológico para as afirmações ilustradas dos papéis de gênero, as quais outorgavam inferioridade jurídica, biológica e moral às mulheres. Essa construção de uma verdade anatômica do sexo enfatizou os órgãos denominados “reprodutivos”<sup>12</sup>. Aqui, o útero tornou-se a sinédoque da mulher moderna, uma estabilização sexual atualmente abalada pela resistência feminista e trans.

A subvalorização capitalista do trabalho de cuidado foi acompanhada do controle e resguardo da “matriz geradora” de mão de obra, de uma “população” para o Estado, do enaltecimento da figura da mãe (atualmente, em museus, praças e cédulas se podem encontrar representações da República ou da Pátria que realçam o seio materno, o leite nutritivo da reprodução nacional). Essa questão exigiu o encerramento doméstico e a perseguição disciplinar das práticas sexuais não procriativas – prostituição, masturbação, homossexualidade –, mas também a normalização corporal para pessoas intersexuais e deficientes. As marcas heterossexistas que meu corpo sexual não-reprodutivo carrega são perpendiculares ao controle biopolítico desse órgão produtor da nação.

A experiência contemporânea da gravidez posiciona as grávidas a

---

12 La antropóloga Emily Martin demostró cómo incluso la co-participación de las células reproductivas durante la concepción es filtrada a través de un relato de conquista seminal sobre el óvulo, superficie pasiva a la espera de una penetración. Dio cuenta de los dejos hetero-sexistas del discurso biológico.



tomar uma decisão: estabelecer um projeto de gestação ou não, carregar um zigoto ou evacuá-lo. Interromper ou vincular a experiência da gravidez a uma compulsão heteroconvencional mediante a qual nos tornamos acessíveis ao mundo. Hetero no sentido de uma grade de intelegibilidade corporal que atribui teleologicamente a cada corpo um sexo-gênero-desejo. Convencional porque o reconhecimento do ser vivo também se estabelece sob padrões normativos do que se supõe um corpo produtivo para o capitalismo, sob técnicas biomédicas, arquitetônicas e jurídicas de produção da deficiência

Não há possibilidade de afetar a imagem do feto sem essas lentes de apreensão corporal. Essa história, que penetrou nossos corpos sem maiores preâmbulos, é um dos sedimentos científico-políticos que enfrentamos cada vez que invocamos a autodeterminação corporal.